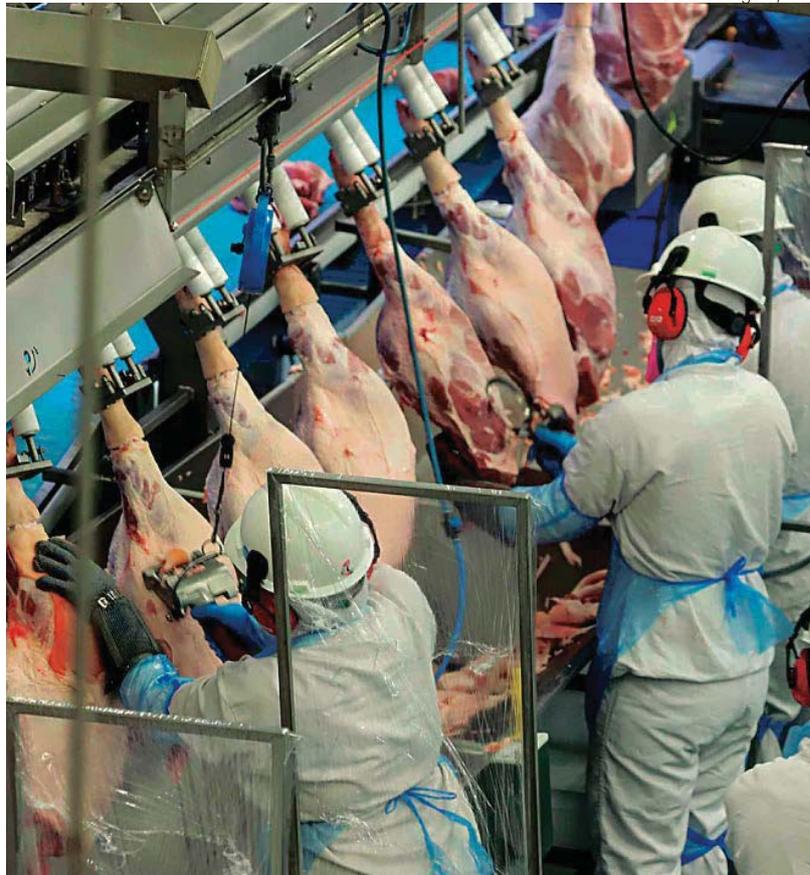


Jose Fernando Ogura/AEN



Setor de alimentos representa 40% de tudo que é produzido pela indústria paranaense; a suinocultura só fica atrás do setor aviário em escala de produção

íses compradores, entre eles Hong Kong, principal comprador; Argentina, Uruguai e Albânia. Em relação ao mercado interno, o Paraná foi o estado com maior abastecimento em 2023, (aproximadamente 992 mil toneladas). Na sequência aparecem Santa Catarina (916 mil toneladas) e o Rio Grande do Sul (628 mil toneladas).

INTERIORIZAÇÃO DA INDÚSTRIA

Em visita a ExpoLondrina, em abril, o presidente da Fiep (Federação das Indústrias do Paraná), Edson Vasconcelos, lembrou que o setor de alimentos representa 40% da produção da indústria paranaense. No entanto, ele cobrou políticas públicas

mais eficazes para o setor, principalmente ações que incentivem a interiorização da indústria.

“O Brasil e o Paraná têm o privilégio de ter uma cadeia do agro em condições para agregar valor à sua produção na indústria. Mas precisamos melhorar o ambiente para que a indústria tenha o interesse e condições de ser competitiva lá fora. Precisamos ter no Estado uma política industrial muito consolidada, e você não vai conseguir fazer isso olhando só a capital. É preciso fazer o interior participar, porque não temos só questões macro, mas também questões específicas para que a indústria se desenvolva em uma região”, cobrou.

Anderson Coelho/Arquivo Folha



Renomado chef Jefferson Rueda, da A Casa do Porco, em visita à UEL (Universidade Estadual de Londrina)

Rebanhos da raça já foram identificados em pelo menos 21 municípios do Estado. A importância é tamanha que o porco moura pode virar patrimônio do Paraná. O projeto de lei 386, de autoria do deputado estadual Luiz Cláudio Romanelli (PSD), que tramita na Alep (Assembleia Legislati-

va do Paraná) propõe o reconhecimento da raça como patrimônio histórico, cultural e genético do Estado. “O porco moura produz uma carne diferenciada e o estímulo à criação pode gerar renda adicional nas pequenas propriedades da agricultura familiar”, projeta o deputado.(C.F.)

Energia a partir de resíduos marca o futuro da atividade

A consolidação da suinocultura paranaense trouxe inúmeros benefícios ao Paraná: geração de renda, emprego e desenvolvimento do interior. Porém, toda atividade em larga escala tem seus impactos. Ao contrário do setor aviário, que tem baixo impacto de resíduos nas granjas, a suinocultura demanda atenção especial na prevenção à contaminação do solo. Com a preocupação ambiental tomando conta da agenda das empresas, projetos de mitigação e sustentabilidade ganham força na atividade.

Em Toledo, maior produtor nacional de suínos, funciona uma planta industrial que recebe dejetos da suinocultura e os transforma em biogás. A unidade da CIBiogás (Centro Internacional de Energias Renováveis), foi inaugurada em outubro do ano passado nas proximidades do distrito de Novo Sobradinho. Todo o dejetos coletado de 41 mil animais de 15 propriedades da região é processado e transformado em biogás, que gera energia elétrica suficiente para abastecer 1,5 mil residências de médio porte.

O diretor presidente do CIBiogás, Rafael González, destacou que a planta está preparada para receber mais um gerador e dobrar a capacidade de



Diretor presidente do CIBiogás, Rafael González em frente aos biodigestores da Central de Tratamento de Toledo

produção. De acordo com González, o projeto é tecnologicamente inovador e tem potencial para ser replicado em outras propriedades, transformando-se em solução para diversas demandas dos produtores e da agroindústria da região. “É impossível pensar o futuro da suinocultura sem abordar o potencial da geração de energia limpa, como o biogás. É uma pauta que deve ganhar força nos próximos anos”, prevê.

O projeto é uma parceria da Itaipu Binacional, que investiu R\$ 19 milhões na iniciativa, com o Parque Tecnológico Itaipu (PTI-Brasil) e o Centro Internacional de Energias Renováveis (CIBiogás), responsável

pela implantação e operação da planta. Também apoiam a iniciativa a Embrapa, Adapar, a Associação Regional de Suinocultores do Oeste (Assuinoeste) e a Prefeitura de Toledo.

O grande desafio agora é conseguir replicar a iniciativa e tornar o projeto viável em maior escala. “Tudo isso passa por políticas públicas que tornem essa realidade acessível aos produtores. Temos uma dificuldade na questão se insumos para a agricultura, para o milho, por exemplo, que é a base da ração dos suínos. Com o próprio dejetos conseguimos o bioinsumo, mas o tema [Marco do Bioinsumo] avança lentamente no Senado”, comenta César da Luz.(C.F.)

Paraná é destaque em genética suína

Além de ser uma potência na comercialização da proteína suína, o Paraná também é referência quando o assunto é genética. De acordo com o Agrosat, plataforma do Mapa (Ministério da Agricultura e Pecuária) que acompanha resultados da suinocultura no comércio exterior, o estado foi vice-líder na exportação de suínos reprodutores de raça pura.

No primeiro semestre deste ano, as vendas renderam US\$ 83 mil ao Paraná, equivalente a 21% do montante nacional. O resultado só é menor que o de São Paulo (US\$ 314 mil). Os clientes da genética paranaense foram os vizinhos Paraguai (US\$ 43,3 mil) e a Argentina (US\$ 39,7 mil). As cifras são maiores quando o assunto é importação. No mesmo período, o setor de suinocultura paranaense investiu US\$ 627 mil em alta genética, principalmente de matrizes da Noruega e Canadá.

Uma das empresas paranaenses que se sobressaem no ramo da genética suína é a Topgen, de Jaguariaíva. A marca, localizada em uma área

de aproximadamente 570 hectares, conta com uma granja núcleo, que abriga as bisavós das raças puras Large White e Landrace. Nela também há a central de inseminação artificial, local também onde é utilizado o sêmen congelado importado. Já a granja multiplicadora conta com 650 matrizes que multiplicam a genética da granja núcleo e entrega ao cliente o seu carro chefe, a Afrodite.

A estrutura da Topgen tem potencial para atender um plantel de aproximadamente 220 mil animais em um ano, isso equivale a cerca de 15% do mercado brasileiro. Mas números e grandiosidade não são prioridade para a proprietária da empresa, Beate von Staa. Desde que assumiu a fazenda, nos anos 1990, tem como foco o “equilíbrio”, termo que prefere ao, segundo ela, já gasto, “sustentabilidade”. “Algumas palavras entram na moda e são repetidas à exaustão, mas se você for ver, na prática, são poucos os que praticam, de verdade”, alfineta.

E quando ela fala em equilíbrio, descarta colocar a produ-

vidade em seu máximo. “Quando levamos algo ao limite, sempre há uma conta a se pagar. É preciso pensar na qualidade”, insiste. Com a cadeia da genética se fechando no país, por conta da consanguinidade, a solução foi buscar matrizes no exterior. “Já buscamos matrizes francesas, canadenses e holandesas. Agora, mais recentemente, recorremos à Suíça para melhorarmos nossas linhagens”, explica.

Ao se analisar os 100 anos da linha do tempo da suinocultura no Paraná, do momento em que ela passa por um processo inicial de industrialização até as conquistas e possibilidades que se abrem um século depois, é possível afirmar que o termo “serviço de porco” passa por uma resignificação. A expressão começa a não fazer mais sentido em seu sentido pejorativo, graças ao trabalho árduo da cadeia que movimenta boa parte da economia do estado. Então, da próxima vez que for criticar um trabalho mal feito, talvez seja melhor rever este conceito.(C.F.)